

RESENHA

CÁSSIO, Fernando. (org.). **Educação contra a barbárie**: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar. São Paulo: Boitempo, 2019.

BOLSONARISMO E BARBÁRIE: A EDUCAÇÃO COMO TRINCHEIRA DE RESISTÊNCIA

Fábio José de Queiroz¹

<https://orcid.org/0000-0002-9851-3423>

A partir de quais bases teóricas devemos pensar a educação no Brasil nas circunstâncias atuais de uma realidade permeada não só por um ultra neoliberalismo regressivo, mas igualmente por um governo de inspiração fascista? O livro *Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar*, organizado pelo professor Fernando Cássio, Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo (USP) e docente da Universidade Federal do ABC, e publicado pela Boitempo (2019), é uma tentativa ambiciosa e fecunda de discutir temas que se relacionam diretamente à defesa do caráter democrático das escolas públicas e da liberdade da atividade docente em um período em que a rudeza e a incivilidade se elevaram à categoria de prática política influente.

De imediato, o leitor se vê diante do levantamento específico do tema centrado nas conexões entre a barbárie como fenômeno social e político e os destinos da educação pública como um dos alvos preferenciais de uma estratégia destrutiva.

A obra, que conta com um prólogo de Fernando Haddad, se divide em três partes, nas quais os autores realizam um diagnóstico da situação do sistema de educação pública no Brasil, ressaltam as ameaças que cercam as práticas docentes e, por fim, alinham caminhos plausíveis de superação das duras condições vividas pelas instituições educacionais e seus sujeitos.

O livro surgiu quando o país enfrentava o preâmbulo do (des)governo de Jair Bolsonaro, já com todo um percurso inicial caótico e de desorganização das instituições públicas de educação, que, aliás, respondia ao projeto inicial das classes dominantes no Brasil, que ensejou as condições que levaram ao golpe institucional de 2016, passando pelo governo golpista de Michel Temer e redundando na eleição do atual condomínio governamental, com todo seu séquito de tragédias.

1 Doutor em Sociologia. Professor Associado da Universidade Regional do Cariri, atuando na graduação e pós-graduação (ProfHistória). fabio.queiroz@urca.br

Definitivamente, a trajetória aflitiva vivida pela educação no Brasil não é um raio no céu azul. Ela é creditada a uma estratégia deliberada do capital, que, em meio a uma robusta crise, escolheu o caminho da destruição das poucas políticas públicas que funcionavam, com o escopo de transferir recursos do fundo público, que abasteciam a saúde, a educação, a moradia e outros segmentos, para nutrir a pauta de banqueiros e financistas. A lei do teto dos gastos, aprovada no governo Temer, é uma demonstração palpável desses propósitos genuinamente capitalistas.

Eis o contexto que serve de arrimo aos capítulos que conformam uma obra essencial para entender o Brasil e a educação pública em tempos de austeridade fiscal, esvaziamento das políticas sociais e ascensão de uma vertente neofascista.

Todo esse trabalho de reconstituição da tragédia anunciada implica não apenas uma análise social e histórica consistente, mas, a partir disso, um conjunto de propostas que aponta no sentido de vencer esse quadro de profunda e absoluta desolação.

Na primeira parte do livro – *A barbárie gerencial* –, por meio de oito capítulos, embora a destruição generalizada não escape inteiramente de uma prévia análise de seus significados, o centro das exposições está voltado à reconstituição da realidade do ensino público no Brasil, tratando de matérias sensíveis que passam pelo estudo de temas como ensino médio, educação a distância, financiamento da educação, economia financeirizada e elementos do aparato mental da barbárie ideológica e política em curso. Escritos por autores de variadas instituições e diferentes unidades da federação–método que será reproduzido no correr de toda obra –, os textos lançam as primeiras luzes sobre as problemáticas do ensino na contemporaneidade brasileira, o momento histórico e os seus revérberos na educação.

Na segunda parte–*A barbárie total*–, somos confrontados com o mergulho empírico e, portanto, direto nas práticas próprias ao universo da barbárie em movimento. Notamos como tudo está sendo revolvido no campo da educação, em que uma transfiguração retrógrada assume ares de inusitada preeminência. Amplia-se o nosso quadro de referências temáticas e somos levados a uma discussão que envolve assuntos diversos: da educação na primeira infância até a “guerra cultural” em andamento, a crítica às agendas empresariais para o campo educacional, passando, enfim, ao exame de questões como alfabetização, *homeschooling*, militarização das escolas públicas, a artilharia fascizante contra as religiões afro-indígenas, a “ideologia de gênero”, a emergência do obscurantismo e o legado de Paulo Freire (“o educador proibido de educar”).

Por fim, na última parte, nós, leitores, deparamo-nos com a tentativa (a nosso ver, bastante feliz) de articular as conexões entre a prévia de análises do panorama atual, os diagnósticos que aparecem nas duas primeiras partes do livro e as possíveis saídas para os descaminhos da educação em tempos de bolsonarismo. Intitulada *Educação contra barbárie*, a terceira parte é composta de nove capítulos que abordam temáticas que vão das ideias da educação indígena à noção de resistência pedagógica, a exemplo das escolas

do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST), indicando alternativas de uma genuína educação de viés popular e/ou democrático. Todavia, sabe-se, e isso fica nítido, que a luta se faz “muito além da escola” ou do que “aprendi (ou não aprendi) na escola”. Sob esse ângulo, é necessário entender, sobretudo, que a produção do conhecimento e a luta contra a barbárie são duas pontas de um mesmo fio.

Seguramente, a força do livro pode ser a sua vulnerabilidade. Produzido no exato instante em que o governo de Jair Bolsonaro ainda dava seus primeiros passos, a obra descortina antecipadamente a bestialidade que marcaria essa etapa decisiva da nossa história. O fato de não haver vivenciado as distintas e apavorantes fases do bolsonarismo, com todo seu cortejo de ministros da educação inoportunos e truculentos, limita o alcance empírico das análises e das conclusões apresentadas. Limita, mas não apara o gume de apreciações em que as ferramentas teórico-metodológicas se mostraram absolutamente adequadas no sentido de oferecer não apenas uma crítica aos extravios e às inflexões da educação sob a égide do irracionalismo bolsonarista, mas também os possíveis caminhos para virar “essa página infeliz da nossa história”, conforme sugere a canção popular.

O advento da pandemia da covid-19 e suas dolorosas repercussões no Brasil, devido fundamentalmente às políticas, aos programas e às estratégias bárbaras do governo federal, mas, em particular, aos seus impulsos destrutivos, respalda a crítica e, sobremaneira, a plataforma pedagógica e, portanto, política, que orienta um trabalho que teve a capacidade de prever os incômodos e as agruras que hoje pesam não apenas sobre os ombros da educação pública, mas de todo o povo brasileiro.

Mais do que isso: diante do espelho quebrado da educação, autoras e autores dessa obra coletiva tiveram a aptidão teórica de oferecer não o acomodamento ou o desespero, mas a resistência, o engajamento e um novo mirante político-pedagógico como alternativas frente às tendências destrutivas que vociferam na esteira da barbárie bolsonarista.

REFERÊNCIA

CÁSSIO, Fernando. (org.). **Educação contra a barbárie**: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar. São Paulo: Boitempo, 2019.